

# As mídias digitais e a representação moral do atleta de futebol

Altair Moioli\* e Afonso Antonio Machado\*\*

*THE DIGITAL MEDIA AND THE MORAL REPRESENTATION OF THE SOCCER ATHLETE*

KEYWORDS: New Technologies, Morality, Soccer, Adolescent, Facebook

ABSTRACT: The aim of this research was to analyze the moral perception of adolescent soccer athletes in virtual and concrete territories. In this qualitative study the data was collected through semi-structured interviews on Facebook, with 14 male athletes, aged between 16 to 18 years ( $\pm 17.35$ ) who played soccer in official tournaments. After being treated by the Thematic and Discourse Analysis, the data indicated the configuration of a modular man for three different territories: everyday, sporty and virtual environments which leave marks on the moral perception of the young athlete. Athletes believe they are immune from permanent moral values as they move through inter-territorial gaps. Their actions assume the characteristics of a relative moral game, transitory and disconnected from concrete historical parameters, which makes it impossible to realize the intrinsic relationship between the practical dimension and the moral dimension. This research showed the composition of a man / athlete, labeled for each environment that he acts in, a young man shaped in three-dimensional and transient moral.

A utilização das novas tecnologias digitais representa um momento singular de ajustes nas estruturas sociais, culturais e psicológicas para o desenvolvimento humano guiado por um novo modelo de comunicação. Presentes “full time” na vida do homem pós-moderno, essas tecnologias criam novas dimensões de tempo e espaço, provocando seu deslocamento, de ambientes concretos de aprendizagem para territórios virtuais, promovendo alterações na constituição do sujeito moral (Berger e Luckmann, 2010; Bronfenbrenner, 2009; Buckingham, 2007; Levy, 1999, 2001; Lipovetsky e Charles, 2011).

O esporte, especialmente o futebol, não está isolado e, portanto, também se encontra sujeito às intercorrências desses fatores, especialmente quando a questão envolve a formação de atletas.

A formação moral é apresentada por La Taille (2006) como a interação entre o dever e o fazer, mediado por julgamentos que avaliam as consequências de uma ação, em que emoções, como culpa e vergonha, são balizadoras para a tomada de decisão. Trata-se, portanto, de um dever que vai regular as relações de convivência humana e pode ser debatida pelo viés psicanalítico ou interacionista, portanto, ligada às emoções ou à razão.

No esporte, autores como Bredemeier e Shields (1984), por exemplo, explicam a dimensão moral como um constructo com características específicas para as relações e os contratos sociais estabelecidos no interior desse ambiente. Trata-se de um modelo interacional e cognitivo social (Shields e Bredemeier, 2006; Bandura 1991, 1999) que mostra como o esporte participa do processo de desenvolvimento do raciocínio moral em jovens atletas associado aos comportamentos bons ou ruins no meio esportivo (Azzi, 2011; Bandura 1991, 1999; Berger e Luckmann, 2010; Bredemeier e Shields, 1994; Moscovici, 2003).

Contudo, no modelo interacional de Shields e Bredemeier (1995, 2006) e Bandura (1991, 1999), os julgamentos que legitimam uma ação moral, positiva ou não, são atravessados por emoções como a vergonha e a culpa (Carlo, McGinley, Davis, e Streit, 2012; Lavoura, 2008, La Taille, 2006; Malti e Latzko, 2010), atuando para determinar um comportamento pró-social ou agressivo (Bredemeier e Shields, 1984, 1996; La Taille, 2006).

Assim, a base teórica deste estudo tem como referência o modelo interacional, cognitivo social (Shields e Bredemeier, 2006; Bandura, 1991, 1999); temporal, social e pós-moderno (Bronfenbrenner, 2009; Bauman, 2011; Levy, 1999, 2001; Lipovetsky e Charles, 2011; Moscovici, 2003), para orientar as análises em relação às condutas do atleta adolescente de futebol e à sua interação com as redes sociais virtuais, os novos modelos de comunicação digital e a intensa exposição virtual.

Para tanto, esse quadro sugere a questão de partida: com a interação ativa do jovem em diferentes redes presenciais e virtuais, qual a percepção moral do atleta adolescente de futebol? Com isso, o objetivo principal deste estudo foi compreender a percepção moral do atleta adolescente a partir da representação social do futebol, a interação com as novas mídias de comunicação virtual e outros territórios de convivência no atual contexto histórico.

## Método

### Participantes

Esta investigação utiliza a abordagem qualitativa e base netnográfica (Fragoso, Recuero e Amaral, 2011). Participaram do estudo 14 atletas (da modalidade) de futebol, do sexo masculino, com idade entre 16 e 19 anos ( $\pm 17,35$ ), sendo certo que todos eles

Correspondência para: Altair Moioli. Universidade Paulista. Campus JK. Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, s/n. CEP. 15.091-450. Jardim Tarraf II, São José do Rio Preto/SP, Brasil. E-mail: altairmoioli@gmail.com

\* Universidade Paulista – Campus JK, São José do Rio Preto/SP, Brasil

\*\* Universidade Estadual Paulista, UNESP, IB, Campus Rio Claro/SP

"Artículo invitado con revisión por pares"

disputaram campeonatos oficiais nas suas categorias por equipes vinculadas à Federação Paulista de Futebol e com acesso regular às comunidades virtuais. A determinação da amostra ocorreu de maneira intencional e por conveniência (Vieira, 2009), dada a saturação das respostas e da categorização dos temas.

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, aplicada pelo chat de bate-papo do Facebook, que contemplou cinco questões básicas apontando para algumas situações da vida do atleta que demandavam um julgamento, a saber: como você reagiria: a) se flagrasse um dos seus colegas de equipe roubando um pacote de bolacha em um supermercado; b) frente a um pedido de abreviação da vida, como a eutanásia da cena vivida pela personagem Maggie no filme “Menina de Ouro”? (acesse o link <https://www.youtube.com/watch?v=fTwtrt-x2tE> e comente); c) se, em um jogo decisivo, o árbitro cometesse um erro ao anular um gol legítimo contra sua equipe você afirmaria que o gol tinha sido legítimo, mesmo que isso provocasse a derrota da sua equipe?; d) se recebesse uma proposta para perder um jogo para beneficiar um adversário que propôs uma recompensa financeira a sua equipe?; e) no caso dos assédios sexuais e morais, se recebesse um convite do treinador ou dirigente para ter uma relação sexual com ele, e, em contrapartida, ser beneficiado na carreira, como foi argumentado pelo apresentador de TV? (acesse o link <http://youtu.be/dYy3goUI2-w> e comente). Algumas respostas foram transcritas do original, identificadas pela letra “P” de participante, seguido do respectivo número. Os vídeos exibidos no canal youtube serviram para fundamentar a análise visual do entrevistado e não foi objeto de análise.

A elaboração da entrevista passou pela revisão de pesquisadores especialistas, peritos na área, para verificação da consistência, validação e reprodução do roteiro escolhido, conforme sugerem Thomas e Nelson (2002) e Vieira (2009). Os dados recolhidos foram organizados e codificados de acordo com a Análise Temática, base teórica de Braun e Clarke (2012, 2013) e sua interpretação seguiu a ótica da Análise de Discurso, proposta de Pêcheux (1997) e de Orlandi (2010).

Depois de repetidas leituras das entrevistas, foram identificados os extratos do texto para a elaboração dos temas centrais de análise, as unidades significativas e os códigos com possíveis padrões para cada tema (Braun e Clarke, 2012, 2013). A seguir, foi elaborado um quadro geral com as respectivas etiquetas e unidades significativas para cada tema, que representavam episódios vivenciados pelos atletas. O agrupamento seguiu a representatividade do ambiente de trânsito para o atleta adolescente, o que possibilitou a categorização de três temas centrais: a dimensão dos ambientes cotidiano, esportivo e virtual.

O primeiro representa o ambiente social que compõe alguns territórios explorados pelo adolescente, como a família, a escola e a igreja, os quais promulgam as normas pró-sociais nesses contextos (Bandura, 1977; Berger e Luckmann, 2010; Bronfenbrenner, 2009; Moscovici, 2003). O segundo corresponde à complexa estrutura que comporta a rotina diária de trabalho do atleta, formada por uma rede material e imaterial que blinda e controla a vida de um grupo elitizado com habilidades específicas que o distancia da maioria da população do ambiente do cotidiano (Franco Junior, 2007; Moioli, Machado, Zanetti, Campbell, e Gomes, 2014). E o terceiro é caracterizado pelo ciberespaço e constitui-se como o território de convergência dos integrantes dos ambientes concretos (cotidiano e esportivo) e definido como um “não lugar” (Bauman, 2011; Levy, 2001).

A realização deste trabalho está conforme a resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, apresentou processo exigido pelo Comitê de Ética, com todos os documentos, termos e declarações de consentimento, foi protocolado no CEP/UNESP sob o n° 5375/2011 e desenvolvido a partir do parecer CEP n. 083/2011.

## Resultados

Codificadas em unidades significativas (Braun e Clarke, 2012), as narrativas apresentaram um padrão de ações condutoras nos três territórios (cotidiano, esportivo e virtual) de deslocamento constante do adolescente, atleta de futebol. Esta categorização levou em consideração a necessidade de compreender o homem pós-moderno (Lipovetsky e Charles, 2011), regulado pela tecnologia, interativo, cibernético, que interage a partir dos deslocamentos do mundo real concreto para o mundo real virtual.

### Análise da dimensão do ambiente cotidiano

Neste território ocorrem os jogos necessários que colocam o jovem atleta de futebol em confronto com o mundo concreto para o seu desenvolvimento. Instituições como família, igreja e escola atuam como agentes reguladores, interagindo conforme os sistemas proposto por Bronfenbrenner (2009), de acordo com a lógica discursiva de outros sujeitos com poder e autoridade que desempenham o papel de liderança do grupo. O discurso ainda será influenciado pelo tempo, pelo espaço, pelas pessoas e pelo contexto em que for produzido (Bronfenbrenner, 2009; Moscovici, 2003).

Alguns comportamentos estão associados a um desengajamento moral (Azzi, 2011; Boardley e Kavussanu, 2011) por acreditar que levar vantagem é um ato de justiça contra algum tipo de exploração. Assim, adquirir programas de computador falsificado, hackear o receptor da TV a cabo ou tomar um refrigerante no supermercado e não pagar por ele parecem ser característicos de uma tendência social sem constrangimentos, uma ação moralmente tolerada.

Essa ausência de culpa e de vergonha (Carlo et al., 2012; La Taille, 2006), como argumentam os participantes “...todo mundo faz porque eu não posso (P-01)?” – “... eu mesmo já roubei várias bolachinhas... (P-02)”, ou ainda “...não é todo mundo que pode comprar coisas ‘original’ então nos compramos falsificado porque fica ate mais barato (P-14)”, contempla o discurso do coletivo e dos agentes reguladores, entre eles a mídia, reforçado pela baixa percepção na relação da ação moral pró-social ou antissocial (Krettenauer, Jia, e Mosleh, 2011).

Tal discurso acompanha o comportamento daqueles que desempenham papel de liderança (Steinfeldt, Vaughan, LaFollette, e Steinfeldt, 2012), como observado na reação dos atletas que concordaram com a atitude do treinador que desligou os aparelhos para abreviar a vida da atleta, na cena do filme “Menina de Ouro”. Para eles essa conduta pode representar mais (como) uma atitude de coragem e heroísmo do que um ato agressivo, violento ou um assassinato: “... ele tinha ‘q desliga’ ... mesmo ‘q’ isso seja ‘pessimo’ pra ele. Se fosse amigo meu desligaria ‘tambem’ (P-13) ” Moscovici (2003) indica que essas subjetividades são ancoradas pelos sujeitos a partir dos conflitos e dos dilemas, contribuindo para consolidar um novo conhecimento e transformá-lo em representação social comum e ao alcance de todos do grupo.

Trata-se de uma mensagem carregada de simbolismos, que representa o estado de fragmentação da sociedade pós-moderna (Bauman, 2011). Essa tendência é compartilhada com outros

estudos que indicam que o julgamento moral e a tomada de decisão são moderados por emoções como culpa, vergonha e orgulho que resultam nos comportamentos antissociais ou pró-sociais (Krettenauer et al., 2011; Malti e Latzko, 2010, Thornberg, 2010).

Essas considerações possibilitaram entender a constituição de um sujeito do cotidiano vinculado aos órgãos reguladores que elaboram as convenções morais pró-sociais, norteando as ações e os julgamentos do jovem, imprimindo a marca dos grupos pós-modernos, caracterizados pelo imediatismo e hedonismo. Assim, a percepção moral do atleta jovem da dimensão do ambiente cotidiano é balizada por um mix de informações obtidas no mundo concreto, finito e do etéreo, fictício, imaterial.

### **Análise da dimensão do ambiente esportivo**

A passagem do adolescente pelo processo de especialização e formação esportiva é marcada por grandes desafios de ordem física e psicológica em razão dos fatores que selam a convivência dos integrantes nesse ambiente, carregado de metáforas e leis criadas nos vestiários (Franco Junior, 2007; Moiola et al., 2014).

Como se observou nos dados, o processo de construção de liderança na equipe, por exemplo, retrata um dos primeiros desarranjos emocionais. A liderança do treinador consolida-se pelo poder de dominação, coação ou convencimento em relação ao grupo. Os relatos indicaram que os atletas das categorias de base classificam o treinador como “pai”, “comandante” dotado de “poder” e “autoridade” para determinar os destinos do grupo. Mesmo que seja uma ordem para perder uma partida como estratégia para se beneficiar do regulamento da competição, a conduta é valorizada. O exemplo analisado foi a atitude do treinador da Seleção Brasileira de Voleibol no Campeonato Mundial de 2010, que utilizou essa estratégia (Bernardinho... , 2010). “o treinador é o comandante, então ele decide o que é melhor pro grupo (P-04)” - “Ele sabia que era mais fácil e para ser campeão vale tudo...(P-01)”. Como apontam outros estudos, o poder do técnico baliza a organização social, a distribuição dos papéis, a conduta moral e as inter-relações dos integrantes do grupo (Duquin e Schroeder-Braun, 1996; Proios, 2013).

Na perspectiva de Orlandi (2010), este discurso, por estar localizado na vertente histórica, vem carregado de uma ideologia corporativista-funcionalista, demonstrando uma aliança consensual em relação aos valores emitidos nessa mensagem, tanto por parte do emissor (técnico) quanto do receptor (atleta).

Tal relação de poder também avança para outras áreas de interesse mútuo, como, por exemplo, nos assédios morais e sexuais que surgem nesse cenário, envolvendo técnicos e dirigentes (Gabriela, 2011; Moiola, 2004; Moiola, et al. 2014; Neto... 2011). As relações afetivas (homo ou hetero) são descritas como a garantia da estrutura hierárquica e ocorrem na forma de chantagem emocional, profissional ou financeira, dada a vulnerabilidade do momento de vida dos atletas adolescentes em início de carreira (Moioli et al. 2014).

A maneira com que os atletas gerenciam os assédios sexuais sofridos de técnicos, dirigentes ou outras pessoas do meio esportivo, concretizados ou não, como sugere a entrevista do comentarista esportivo e ex-jogador Neto: "Muita gente usa o poder como diretor, como técnico, como outras coisas, para usar do benefício sexual com os meninos [...] (Gabriela, 2011)", mostra um momento de transição vivenciado pelo atleta, em que pesem alguns fatores, como as vantagens obtidas por aceitar o assédio, os prejuízos em recusar a oferta e as interferências no relacionamento com os demais jogadores. Isso ratifica o papel

das emoções, como culpa e vergonha para determinar um comportamento moral pró-social, antissocial ou agressivo, a partir da avaliação que o atleta jovem faz de uma conduta e do julgamento moral que tal conduta requer para definir suas escolhas (Duquin e Schroeder-Braun, 1996; Carlo et al., 2012; La Taille, 2006; Malti e Latzko, 2010; Proios, 2013).

As narrativas dos participantes apontam pistas de uma relação com viés comercial, visto que isso possibilita suprir as dificuldades do início da carreira e as carências afetivas e econômicas. Ao aceitarem o envolvimento homossexual poderiam em troca “...ter uma ‘moral’ a mais dentro do clube...” (P 02, P 11), ou beneficiar-se com pagamento em dinheiro, roupas esportivas e outros presentes, além de garantir a permanência no grupo ou até a titularidade na equipe: “... ele tem o poder... quem não ‘fazer’ o que ele quer ele tira do time... [...] ... qualquer clube que você vai aí, ó... o que mais tem é ‘viado’... [...] pra mim isso é praticamente prostituição [...] é moleque que se vende aí, porque as vezes não tem dinheiro pra comer alguma coisa [...] o cara vai, dá o dinheiro pro moleque e... e o garoto aceita sair com o técnico... é o que mais tem no futebol... (P-01)”.

A negação do atleta em participar desse jogo afetivo representa uma forma discursiva para determinar os papéis heterossexuais no grupo, reforçando, portanto, os atributos de virilidade exigidos para este ambiente, mesmo que em alguns casos lhe custe a permanência na equipe “[...] pra mim não vale, um negócio desse não vale... [...] ninguém quer ter um jogador ‘viado’ na equipe não, mano... apesar de ser comum...(P-01).

O discurso que mostra a dúvida em relação às propostas recebidas configura-se como um conflito diante das regras e leis impostas pelo ambiente esportivo. Portanto, o julgamento moral se instala na medida em que a obediência cega às ordens do líder, do “comandante”, do “pai” (técnico) é colocada em xeque.

Em dilemas característicos da competição, como suborno, combinação de resultados, trapaças, aliciamentos e outras formas de premiação que, no futebol, são popularmente denominados “mala preta”, o posicionamento dos atletas é bastante relativizado.

Ao analisar uma situação hipotética na qual atletas recebem ofertas em dinheiro para perder uma partida, as respostas dos entrevistados sugerem uma baixa percepção da ação moral quando afirmam que aceitariam tal proposta. Eles não consideraram constituir qualquer problema essa forma de conduta, por entender que a trapaça, o suborno e outras formas de corrupção no esporte são um reflexo da sociedade. No ambiente esportivo, tais condutas e situações, além de toleradas, também lhes garantem imunidade pessoal diante do papel que desempenham: “Na minha ‘moral’ não vai afetar em nada, porque todo mundo recebe ... porque eu não posso ‘pega’ também? (P 01)” – “Ahh se a gente não tem nada a perder, pra mim não é problema nenhum ganhar um dinheiro... (P 03)”. Trata-se, em conclusão, de um comportamento pautado pelo desengajamento moral no esporte, definido como um mecanismo psicossocial utilizado pelo atleta para inibir os padrões morais que possam condenar sua atitude ou comportamento, como propõe. (Azzi, 2011; Boardley e Kavussanu, 2011; Krettenauer et al., 2011).

No futebol, possíveis combinações de resultados recebem a aprovação das torcidas, um coletivo social que, entre outras coisas, incentiva a equipe a perder, se isso prejudicar uma equipe ou torcida rival. Naquele esporte, o atleta pertence a um coletivo, e, como tal, suas decisões são chanceladas pelo grupo. Assim, os integrantes da equipe ou a torcida regulam as ações individuais e, por consequência, a conduta moral.

Outro tema emergido das narrativas referiu-se aos códigos do jogo limpo, ou *fair play*, como um jogo de oposição entre razão e emoção, dependendo da importância do evento, caso de uma decisão por título do campeonato, por exemplo. O discurso sugere não haver espaço e lugar para herói moral, ou campeão moral, como propagam alguns meios de comunicação para compensar uma conquista frustrada.

O posicionamento do atleta quanto ao *fair play* foi negado nas duas situações colocadas. Na primeira, há uma unanimidade em afirmar que, se ocorresse um gol regular em favor da equipe adversária e anulado pelo árbitro, a reação seria de silêncio total e que não se alertaria o árbitro para validar o gol: “Nunca... No futebol não tem disso não. Isso é problema do juiz [...] Eu saía comemorando. Pra mim é gol e acabou... (P-02)”. “Não... Não.. Nunca que eu faria isso... ainda mais que é meu emprego... Se eu faço isso, logicamente que no outro dia eu vou ser mandado embora do clube. (P-06)”.

Na segunda situação, a conduta vai em sentido contrário, quando a própria equipe é beneficiada com um gol irregular e validado pelo árbitro: “Acha? ...saía comemorando. É o gol do título... pode ser gol de mão.(P-01). “... nunca {se avisaria o árbitro} ‘kkkkk’, sempre ia querer o bem pra minha equipe e se eu tomasse essa decisão de falar a verdade meus companheiros ‘ia’ ficar muito ‘chatiado’ com minha atitude... (P-5)”

Apesar de sugerir um conflito moral, essa conduta apenas representa uma situação social que reflete o momento histórico daquele contexto. Como observam alguns estudos, a ação moral no esporte difere-se da que ocorre na vida cotidiana (Carlo et al., 2012; Boardley e Kavussanu, 2011; Bredemeier e Shields, 2006, 1984).

Assim, a percepção moral do atleta para o ambiente esportivo é pautada pelo desengajamento moral (Boardley e Kavussanu, 2011), que lhe garante imunidade e blindagem para distorcer a realidade, visto que a ingerência das leis dos vestiários permite a ele julgamentos relativizados em relação à ação moral em jogo.

#### Análise da Dimensão do ambiente virtual

As características desse ambiente acomodam diferentes formas de emoção e permitem transportar o mundo esportivo e seus personagens para outra dimensão, quando se trata de comunicação, formação de grupo, exposição midiática e liderança.

Ao sair do plano físico e passar para o virtual, as ações podem ser desconectadas do raciocínio moral pró-social, pois, como argumenta Williams e Gantt (2012), tal raciocínio não produz, de maneira confiável, uma ação moral consistente. O usuário da internet atua na ausência dos órgãos de controle e regulação (Szapiro e Resende, 2010). Foi solicitado aos participantes, hipoteticamente, dizer como agiriam se fossem convidados a utilizar um link e “deletar” uma pessoa que estivesse em um leito de hospital ligada a aparelhos e em estado terminal.

A percepção de neutralidade e de invisibilidade do ciberespaço permite ações isentas de culpa ou arrependimento, emoções que, segundo La Taille (2006), articulam a tomada de decisão: “... por que eu ‘nao’ ia precisar ver ela pessoalmente e teria certeza de que nao é brincadeira porque era so clicar no link (P 05).” - “... eu clicaria e desligaria os aparelhos sim (P 08).” De acordo com este participante da pesquisa, o fato de o pedido ter sido enviado pela internet facilitava a sua decisão, em razão do distanciamento afetivo em relação ao sujeito do pedido.

Clicar sobre um “link” para, remotamente, abreviar a vida de alguém, publicar “nudes” ou um vídeo nas redes sociais, atualizar

a imagem da “timeline”, esvaziar os arquivos de fotos do celular ou, como mostram Jambon e Smetana (2012), baixar ilegalmente músicas ou programas para computador de sites, podem ser descritos como um comportamento que raramente está ligado a uma questão convencional de lei ou autoridade. Para os jovens trata-se de uma infração inofensiva e, portanto, não a consideram uma questão moral.

As redes sociais também são utilizadas pelos atletas jovens para agendar encontros homossexuais, às vezes mediados por outros colegas da equipe que lucram financeiramente com isso, agindo como agenciadores. O colega mais velho, mais experiente, faz o papel de intermediador dessas relações: “...alguns ‘adiciona’ vc... tem gente que tá ‘precisano’...[...] porque a maioria dos ‘homossexual’ por exemplo, pega seu Face... ve lá que vc é jogador e vai e... ‘faiz’ as ‘oferta’ por exemplo... tá precisando do que? De tênis?.. ah! te dou um tênis... uma camisa, dinheiro. Éhh numa conversa pelo Face... ele fala ‘óh’: vc ajuda a ‘cata’ um menino... te dou um prêmio... um tênis... te ajudo aí... ‘pegar’ um menino... (P-13)”

A internet e as redes sociais virtuais são consideradas pelos participantes como um locus de dissimulação para cometer infrações que dificilmente teriam coragem e aprovação social para realizar presencialmente. Como exemplo, os participantes disseram utilizar sites falsos para provocar bullying, homofobia, racismo, postar “nudes” ou disputar jogos virtuais que podem, inclusive, provocar a morte. Trata-se de uma tendência de individualização virtual, com baixa ou ausência de princípios, como (a) cooperação, reciprocidade, altruísmo e solidariedade (Martín-Barbero, 2008; Szapiro e Resende, 2010).

O ambiente virtual concede ao jovem a possibilidade de eximir-se de constituir uma percepção a respeito de condutas pró-sociais ou antissociais de uma ação de natureza moral. Diante da imaterialidade, da fugacidade e da velocidade das trocas que ocorrem nesse ambiente, desmaterializa-se a noção de julgamentos.

## Discussão

As relações presenciais e virtuais e seus intercâmbios para a constituição do atleta de futebol, jovem e pós-moderno, são consumadas nas dimensões dos ambientes, o cotidiano, o esportivo e o virtual. Dessas permutas surge um homem específico, pautado por avaliações singulares a respeito de uma ação moral pró-social ou antissocial e com uma percepção da conduta moral caracterizada de acordo com a realidade do momento e do território que ocupa ou no qual atua.

Assim, para a questão de partida (a partir da interação ativa do jovem em diferentes redes presenciais e virtuais, qual a percepção moral do atleta adolescente de futebol?), as análises demonstraram que a instantaneidade dos deslocamentos do jovem atleta, de territórios presenciais para virtuais, aponta para uma percepção moral distorcida, relativizada e ajustada para cada personagem que desempenha, por acreditar que a sua participação nesse processo de moralidades voláteis não atinge os diferentes papéis que representa em outros ambientes.

Tais experiências são atravessadas pela atuação de lideranças idealizadas (pais/mães/amigos), da dimensão do cotidiano; outras, de sujeitos reais (técnicos/dirigentes/professores), da dimensão esportiva e, ainda, outras lideranças imaterializadas (redes sociais/youtubers/fakenews) que desempenham o papel de ciberlíderes.

Na interconexão das três dimensões – cotidiano, esportivo e virtual, parece haver um locus de permanência do jovem atleta que lhe permite imaginar estar presente entre um ou outro ambiente e balizar a percepção moral que conduz suas ações práticas, seja pela força das lideranças presenciais, que reforçam a formação da identidade e da ideia de julgamento moral (Steinfeldt et al., 2012; Duquin e Schroeder-Braun, 1996; Proios, 2013), ou da relativização do ambiente esportivo, que permite um comportamento pautado pelo desengajamento moral (Boardley e Kavussanu, 2011; Krettenauer et al., 2011), ou, ainda, pelo entendimento de que as ações na rede são inofensivas e sem envolvimento moral (Jambon e Smetana, 2012).

Assim, para o objetivo principal (compreender a percepção moral do atleta adolescente a partir da representação social do futebol e a sua interação com as novas mídias de comunicação virtual), percebeu-se a configuração de uma representação tridimensional da conduta moral transitória, que ilustra a passagem deste Homem/atleta pelos diferentes ambientes, modulando a uma percepção moral própria para cada realidade do território em trânsito.

A representação social do futebol e a interação do atleta adolescente com as novas mídias de comunicação virtual parecem contribuir para um hibridismo de atitudes e condutas morais específicas que atenda as expectativas dos atletas e dos torcedores/seguidores em cada dimensão com base em conveniências que lhe garanta status e poder. Compreende-se, deste modo, um sujeito/atleta de um relativismo moral específico para cada um dos diferentes ambientes, concebendo um homem tridimensional e transitório.

Por certo, este estudo apresenta algumas limitações que devem ser destacadas. Primeiro, o número de sujeitos da pesquisa, escolhido por conveniência, mostra apenas o comportamento de um grupo específico e, portanto, estes resultados não devem ser generalizados para toda a população envolvida com o futebol. Segundo, os resultados também devem ser considerados para esta faixa etária, portanto, se aplicado aos atletas adultos, provavelmente outros resultados poderão surgir das análises. Por fim, a sugestão é a de que, em estudos futuros, se amplie a amostra numa abordagem transcultural, pois, como verificado, o comportamento do atleta tem uma relação direta com aspectos sociais e culturais.

#### LOS MEDIOS DIGITALES Y LA REPRESENTACIÓN MORAL DEL FUTBOLISTA

PALABRAS CLAVE: Nuevas Tecnologías. Moralidad. Fútbol. Adolescente. Facebook.

RESUMEN: El principal objetivo de este trabajo fue analizar la percepción moral de los atletas adolescentes de fútbol en territorios concretos y virtuales. Fue una investigación cualitativa con datos recolectados a través de entrevistas semiestructuradas en la red social Facebook, con la participación de 14 atletas hombres de 16 a 18 años ( $\pm 17,35$ ) practicantes del fútbol en campeonatos oficiales. Tratados por las Análisis Temático y del Discurso los resultados indicaron la configuración de un hombre modular para tres áreas distintas: el cotidiano, los deportes y los ambientes virtuales, que dejan marcas en la percepción moral del joven atleta. Los atletas creen que son inmunes a los valores morales permanentes desplazando por las fisuras interterritoriales. Sus acciones suponen características de un juego moral relativo, transitorio y desconectado de los parámetros históricos concretos que impide la percepción de la relación intrínseca que hay entre la dimensión práctica y la dimensión moral. Se descubrió el desarrollo de un hombre/atleta calificado para cada entorno en que actúa, impreso tridimensional y con moral transitória.

#### AS MÍDIAS DIGITAIS E A REPRESENTAÇÃO MORAL DO ATLETA DE FUTEBOL

PALAVRAS-CHAVE: Novas Tecnologias, Moralidade, Futebol, Adolescente, Facebook

RESUMO: O objetivo principal deste trabalho foi analisar a percepção moral dos atletas adolescentes de futebol em territórios concretos e virtuais. Pesquisa qualitativa elaborada com dados coletados por meio de entrevistas semiestructuradas pelo Facebook envolvendo 14 atletas homens, com idades entre 16 e 18 anos ( $\pm 17,35$ ), praticantes de futebol em campeonatos oficiais. Depois de tratados pela Análise Temática e de Discurso, os dados indicaram a configuração de um homem modular para três territórios distintos: ambientes cotidiano, esportivo e virtual, que deixam marcas na percepção moral do atleta jovem. Os atletas acreditam estar imunes a valores morais permanentes ao se deslocarem pelas fendas interterritoriais. Suas ações assumem características de um jogo moral relativo, transitório e desvinculado de parâmetros históricos concretos, o que impossibilita perceber a relação intrínseca entre a dimensão prática e a dimensão moral. Verificou-se a composição de um homem/atleta, etiquetado para cada ambiente em que atua; tridimensional e de moral transitória.

## References

- Azzi, R. G. (2011). Desengajamento moral na perspectiva da teoria social cognitiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 208-219. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000200002>
- Bandura, A. (1991). Social cognitive theory of moral thought and action. In W. M. Kurtines e J. L. Gewirtz (Eds.), *Handbook of moral behavior and development: Theory, research, and application*, Vol.1, (pp. 71-129). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bandura, A. (1999). Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. *Personality and Social Psychology Review*, 3(3), 193-209. DOI: 10.1207/s15327957pspr0303\_3. Recuperado de: [https://www.researchgate.net/publication/8069228\\_Moral\\_Disengagement\\_in\\_the\\_Perpetration\\_of\\_Inhumanities](https://www.researchgate.net/publication/8069228_Moral_Disengagement_in_the_Perpetration_of_Inhumanities)

- Bauman, Z. (2011) *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar.
- Berger, P.L., e Luckmann, T. (2010) *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (3a. ed). Trad. Ernesto de Carvalho. Lisboa: Dinalivro.
- Bernardinho pede desculpas pelo 'jogo da vergonha'. (08 de novembro de 2010). *O Estado de São Paulo on line*. Retirado de <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,bernardinho-pede-desculpas-pelo-jogo-da-vergonha,636862,0.htm#noticia>
- Boardley, I. D., e Kavussanu, M. (2011). Moral disengagement in sport. *International Review of Sport and Exercise Psychology*. 4(2), 93-108. <http://dx.doi.org/10.1080/1750984X.2011.570361>.
- Braun, V., e Clarke, V. (2012) Thematic analysis. In Cooper, H. (Ed.), *The Handbook of Research Methods in Psychology* (pp. 57-71). Washington, DC: American Psychological Association.
- Braun, V.; Clarke, V. (2013) *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. London: Sage. (in press)
- Bredemeier, B. J. L., e Shields, D. L. L. (1999) Moral Assessment in sport psychology. In: Duda, J. *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 257-276). Morgan Town: F.I.T.
- Bredemeier, B.J. e Shields, D. (1984). Moral growth among athletes and nonathletes: A comparison analysis. *Journal of Genetic Psychology*, (147), 7-18.
- Bredemeier, B. L., e Shields, D. L. (1994). Children's moral reasoning and their assertive, aggressive, and submissive tendencies in sport and daily life. *Human Kinetics Journals*. 16(1), 1-14. <http://journals.humankinetics.com/doi/10.1123/jsep.16.1.1>
- Bredemeier, B. L., e Shields, D. L. (2006) Sports and Character Development. *Journal of Physical Activity and Health*, 3(2), 255–256. Disponível em: <http://journals.humankinetics.com/doi/10.1123/jpah.3.2.255>
- Bronfenbrenner, U. (2009). *The Ecology of Human Development*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Buckingham, D. (2007) *Crescer na era das mídias digitais*. São Paulo: Loyola.
- Carlo, G., McGinley, M., Davis, A., e Streit, C. (2012). Behaving badly or goodly: Is it because I feel guilty, shameful, or sympathetic? Or is it a matter of what I think?. *New Directions For Youth Development*, (136), 75-93. Recuperado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/yd.v2012.136/issuetoc>.
- Duquin, M. E., Schroeder-Braun, K. (1996). Power, Empathy, and Moral Conflict in Sport. *Peace and Conflict: Journal Of Peace Psychology*, 2(4), 351-367. [http://dx.doi.org/10.1207/s15327949pac0204\\_6](http://dx.doi.org/10.1207/s15327949pac0204_6)
- Fragoso, S., Recuero, R. e Amaral, A. (2011) *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Franco Junior, H. (2007) *A dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. 1. Impr. São Paulo: Cia das Letras.
- Gabriela, M. (23 janeiro 2011). *Entrevista com Neto. Parte 3. 11'37"*. SBT Online. YouTube. Retirado de [https://www.youtube.com/watch?v=loi7WH\\_k9W4](https://www.youtube.com/watch?v=loi7WH_k9W4)
- Jambon, M. M., e Smetana, J.G. (2012). College students' moral evaluations of illegal music downloading. *Journal of Applied Developmental Psychology*. 33(1), 31-39. DOI:10.1016/j.appdev.2011.09.001.
- Krettenauer, T., Jia, F., e Mosleh, M. (2011). The role of emotion expectancies in adolescents' moral decision making. *Journal of Experimental Child Psychology*, (108), 358–370. doi:10.1016/j.jecp.2010.08.014
- Lavoura, T. (2008). *Medo no esporte: estados emocionais e rendimento esportivo*. Jundiaí/SP: Fontoura.
- Levy, P. (1999) *Cibercultura*. (1a. ed.). Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34.
- Levy, P. (2001) *O que é o virtual?*. Coimbra: Quarteto.
- Lipovetsky, G., e Charles, S. (2011). *Os Tempos hipermodernos*. Lisboa: Edições 70.
- Malti, T., e Latzko, B. (2010). Children's moral emotions and moral cognition: Towards an integrative perspective. *New Directions for Children and Adolescents Development*. doi: 10.1002/cd.272. 2010(129), 1–10. Recuperado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/cd.272/abstract>
- Martin-Barbero, J. (2008) A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens. In Borelli, S. H. S., e Freire Filho, J. (Orgs.) *Culturas Juvenis no Século XXI* (pp. 09-33). São Paulo: EDUC.
- Moioli, A. (2004). *A convivência do técnico e os atletas adolescentes na modalidade futebol : uma análise intercondutal das relações afetivas na equipe*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista/UNESP) .
- Moioli, A., Machado, A. A., Zanetti, M. C., Campbell, D. F. e Gomes, A. R. (2014). Soccer and homosexuality: The conflicts that lie within the affective game of the coach-adolescent athlete relationship. *Motriz: Revista de Educação Física*, 20(4), 346-358. <https://dx.doi.org/10.1590/S1980-65742014000400001>
- Moscovici, S. (2003) *Representações Sociais: Investigação em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Neto diz em entrevista a jornal que cartolas abusam sexualmente de jogadores na base. (24 de outubro de 2011). *UOL Esporte*. São Paulo. Retirado de <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/10/24/neto-afirma-que-cartolas-abusam-sexualmente-de-jogadores-das-categorias-de-base.htm>.
- Orlandi, E. P. (2010) *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. (9a. ed.) Campinas-SP: Pontes.
- Pêcheux, M. (1997). *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas-SP: Pontes.
- Shields, D. L., e Bredemeier, B. J. (1995). *Character development and physical activity*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Steinfeldt, J. A., Vaughan, E. L., LaFollette, J. R., e Steinfeldt, M. C. (2012). Bullying Among Adolescent Football Players: Role of Masculinity and Moral Atmosphere. *Psychology of Men and Masculinity*. 13(4), 340–353. DOI: 10.1037/a0026645. Recuperado de: [https://www.researchgate.net/publication/232470296\\_Bullying\\_Among\\_Adolescent\\_Football\\_Players\\_Role\\_of\\_Masculinity\\_and\\_Moral\\_Atmosphere](https://www.researchgate.net/publication/232470296_Bullying_Among_Adolescent_Football_Players_Role_of_Masculinity_and_Moral_Atmosphere)
- Szapiro, A. M., e Resende, C. M. A. (2010). Juventude: etapa da vida ou estilo de vida?. *Psicologia e Sociedade*, 22(1), 43-49. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822010000100006>
- Thomas, J. R., e Nelson, J. K. (2002). *Métodos de pesquisa em atividade física*. (3a. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Thornberg, R. (2010). A study of children's conceptions of school rules by investigating their judgements of transgressions in the absence of rules. *Educational Psychology*. 30(5), 583–603. <http://dx.doi.org/10.1080/01443410.2010.492348>
- Vieira, S. (2009). *Como elaborar questionários*. São Paulo: Atlas.
- Williams, R. N., e Gantt, E. E. (2012) Felt moral obligation and the moral judgement–moral action gap: toward a phenomenology of moral life. *The Journal of Moral Education*. 41(4), 417-435. <http://dx.doi.org/10.1080/03057240.2012.665587>